

RESPOSTA DOS AUTORES AO PARECER

Artigo Avaliado CASTRO, Jetur Lima de; OLIVEIRA, Alessandra Nunes de. Semiose informacional na Amazônia Paraense: a placa do açaí como signo mediador da informação. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis/SC, Brasil, v. 31, p. 1–35, 2026.

Avaliador 1: O artigo apresenta uma temática importante de ser apropriada pelos estudos sobre Ciência da Informação, especificamente no campo da mediação da informação. A proposta é envolvente e de fácil compreensão, isso representa um aspecto positivo do texto, parabênico desde já as autorias. A seguir serão apresentadas sugestões para potencializar o trabalho:- sintetizar a descrição dos procedimentos metodológicos suprimindo informações que aparecem também na introdução; Atenção à numeração das seções;- Na seção intitulada "A PLACA DE AÇAÍ NO CONTEXTO CULTURA PARAENSE", senti falta de referências para substanciar a argumentação, caso seja uma narrativa com base na percepção e vivência das autorias, recomendo que essa abordagem conste no texto. Na seção de resultados, considero que precisa ser reorganizada, uma vez que há nela bastante discussão correspondente ao referencial teórico que não aparece em outros momentos do texto, recomendo que se organize uma seção sobre mediação e que parte das informações que agora contam nesta seção sejam realocadas. Isso tornará o texto mais organizado, o que é desejável para uma comunicação em artigo.- As considerações finais podem ser apresentadas de forma mais sintética.

Resposta: As recomendações foram integralmente atendidas. O texto metodológico foi reformulado, suprimindo-se repetições e tornando a descrição mais objetiva. A numeração das seções foi corrigida, e o artigo passou a apresentar sete seções numeradas sequencialmente: 1. Introdução; 2. Metodologia; 3. A placa de açaí no contexto da cultura paraense; 4. As três tricotomias peirceanas e a arquitetura do signo; 5. Mediação da informação e circulação de sentidos; 6. Análise e resultados; 7. Conclusões. Na seção sobre o contexto cultural, foi incluído na seção metodológica que trata-se de uma narrativa com base na percepção e vivência das autorias, algo que foi recomendado pelo parecerista. A reorganização estrutural resultou na criação de uma nova seção teórica, "Mediação da informação e circulação de sentidos", que antecede a análise empírica e estabelece um diálogo entre com a mediação da informação. A seção de resultados foi reescrita, concentrando-se na aplicação das categorias semióticas e informacionais às imagens e ao Quadro 1. As considerações finais foram reescritas em tom mais sintético, destacando as principais conclusões e contribuições teóricas da pesquisa.

Todas as observações do parecerista A foram acatadas.

Avaliador 2: É importante sublinhar que o artigo está muito bem redigido e demonstra um cuidado com o uso da língua portuguesa. Porém deve-se fazer breves ponderações sobre três pontos: a base teórica, a metodologia e os resultados.1 - A base teórica peirceana está bem alinhada aos objetivos do artigo, mas precisa ser aprofundada. A proposta de trabalhar apenas a primeira tricotomia não é consistente com os objetivos esperados. Muitas afirmações presentes no item 3.1 excedem a primeira tricotomia. Por exemplo, afirmar que se percebe a cor não corresponde apenas à primeira tricotomia. Para perceber, deve-se estar em uma relação colateral e considerar o efeito do signo

(interpretante) no nível dinâmico, pelo menos. As expressões utilizadas por Santaella devem ser empregadas com cuidado para não entrar na esfera de outras tricotomias, como "potência de significar", "capacidade de significar", "capacidade de sugerir" ou "poder de evocar". Nesses casos, não há significado ou percepção efetiva ou concreta, portanto, não se pode assumir que a cor da placa foi percebida. Para afirmar isso, é necessário incluir a segunda e a terceira tricotomias, quando se pode falar, de fato, em comunicação com um intérprete potencial. Na primeira tricotomia somente se pode tratar da composição dos qualissignos. Da mesma forma, deve-se refletir sobre o sinsigno. Eles são ocorrências da natureza, no aqui e no agora. A única propriedade é existir. Para que a existência da placa comunique algo, deve-se reconhecer o seu efeito dinâmico em um intérprete potencial. A afirmação na página 16, "cumprem a função de apontar diretamente para a oferta do fruto", é um exemplo de como se excede o conceito de sinsigno. Sinsigno é a existência nela mesma sem um intérprete, quando ela serve para chamar a atenção, já exerce a função indicial, deixando de ser apenas um sinsigno e atuando como índice. Concretamente, a frase em questão classificase como um índice (chamar a atenção), mas se esta inclui a assunção sobre a existência de algo (ofeta do fruto) para alguém, então, estaríamos no campo do dicissigno (terceira tricotomia). O mesmo problema está presente no uso do legissigno. Quando se quer falar de signos culturais ou convenções de uma comunidade, recomenda-se voltar ao conceito de símbolo na abordagem peirceana. O legissigno é apenas uma lei nela mesma, sem referência às pessoas que a produziram e a interpretam. Se o caso é afirmar que há um conjunto de significados compartilhados, isto é, comunicados, a presença dos agentes é necessária e os efeitos do signo são considerados; logo, reconhece-se os símbolos e os interpretantes partilhados culturalmente. Note-se que a discussão está bem colocada e cumpre a função do objetivo, mas recorre a conceitos peirceanos que apresentam limites para a argumentação. Para superar esses problemas, recomenda-se a inclusão da segunda e da terceira tricotomias, bem como rever as palavras empregadas para aplicar a primeira tricotomia à análise das placas, pois em alguns casos, no momento de aplicá-las, as afirmações correspondem a outros tipos de signos e não apenas aos três citados: qualissigno, sinsigno e legissigno. Observe-se adicionalmente que na primeira tricotomia, não há experiência comunicativa real ou concreta, portanto, não se pode utilizar dela para descrever uma situação de interpretação ou análise de efeitos dos signos. Toda a afirmação empregada deve figurar no condicional e referir-se apenas à placa e não aos intérpretes potenciais. Como consequência dessas incorporações, o quadro 1 deverá ser corrigido e ampliado.² - O parecerista não considera consistente a classificação da pesquisa como exploratória. Pesquisas exploratórias, embora muito citadas nas pesquisas da área, devem ser utilizadas apenas para casos em que se busca um refinamento de hipóteses diante de um fenômeno realmente novo, para o qual não se tem conhecimento suficiente. Esse tipo de pesquisa foi popularizado pelos principais manuais de metodologia científica no Brasil, e fazem referência ao clássico livro de Selltitz et. al, de 1951, com traduções brasileiras a partir da década de 1960. Nesse livro, os estudos exploratórios são chamados também de estudos formuladores, pois a contribuição principal é ajudar na formulação de hipóteses para o teste em pesquisas mais exatas ou explicativas. Um exemplo recente seria a falta de conhecimento da comunidade científica sobre a Covid 19 no início da pandemia. Tal lacuna ensejou o desenvolvimento de estudos exploratórios para concretizar e construir melhores hipóteses sobre a doença, o vírus, seus efeitos etc. O estudo exploratório requer considerar uma lacuna de conhecimento sobre o assunto pela comunidade científica e não por um pesquisador isolado. Em outras palavras, se a comunidade já conhece e publica sobre semiótica aplicada à análise de placas ou análise de imagem, ela já possui conhecimentos sobre o assunto e não necessita de uma pesquisa exploratória para ajustar hipóteses. A lacuna cognitiva individual, ou o desconhecimento de um

pesquisador sobre um dado assunto cuja teoria já foi estudada por sua comunidade científica, não é suficiente para justificar um estudo exploratório. Deve-se evitar usar o adjetivo exploratório no senso comum para significar qualquer exploração, levantamentos, revisão, pesquisas de campo etc. ou citar outra definição mais convincente diferente da contribuição de Sellitz que está nas raízes de várias outras definições. Outro ponto da metodologia que requer complemento é a pesquisa documental. Recomenda-se esclarecer mais alguns pontos sobre o corpus, a quantidade de fotos e a sua variedade. Deve-se incluir que a técnica de análise adotada será a análise semiótica de extração peirceana, a qual não é muito utilizada na Ciência da Informação para análise de comunicações. Não se trata de uma análise de conteúdo convencional, por isso esse aspecto deve ser ressaltado na metodologia.³ - Além do que foi comentado sobre o uso da semiótica e que incide na análise dos resultados, deve-se mencionar a articulação com a mediação da informação. Na página 25 consta definições de mediação que devem ser colocadas no início da conceituação do tema. Considera-se fundamental à discussão desenvolver a noção de mediação na teoria peirceana para complementar o quadro geral de referência. Como foi apresentado, a mediação da informação seria apenas um adendo, servindo apenas para resgatar que percebemos o mundo por outras linguagem além do código verbal. Se é apenas para sustentar isso, a discussão de mediação é completamente desnecessária, preferindo ressaltar o conceito de informação presente nas discussões da mediação e como este compreende outros códigos não verbais para construção de significados. Considera-se que a revisão destes pontos ajudará a melhorar a apresentação da proposta e o refinamento da argumentação.

Resposta: Todas as observações foram incorporadas de forma integral. A base teórica foi expandida, passando a contemplar as três tricotomias: qualissigno, sinsigno e legissigno; ícone, índice e símbolo; rema, dicente e argumento, apresentadas em subseções próprias (4.1, 4.2 e 4.3).

Cada categoria foi conceituada de acordo com Peirce (2005). O texto foi revisto para eliminar ambiguidades terminológicas, assegurando precisão conceitual entre as categorias fenomenológicas e semióticas. As expressões de Santaella que indicavam “potência” ou “capacidade de significar” foram substituídas por formulações que indicam apenas possibilidade qualitativa, condizentes com a primeiridade. Os conceitos de sinsigno e legissigno foram esclarecidos, distinguindo-se da função indicial e do símbolo, conforme solicitado. A metodologia foi reformulada e reclassificada como pesquisa qualitativa, documental e narrativo-interpretativa, fundamentada na análise semiótica peirceana. O corpus empírico foi explicitado em cinco registros fotográficos de placas de aço e descritos os critérios de seleção, baseados em diversidade formal e relevância simbólica.

O texto metodológico agora diferencia a análise semiótica da análise de conteúdo, enfatizando que se trata de um método interpretativo aplicado à materialidade visual do signo. A integração entre mediação da informação e semiótica foi aprofundada com a criação da seção “Mediação da informação e circulação de sentidos”, em que o conceito de mediação é apresentado como processo semiótico e comunicativo, e não como adendo conceitual. A discussão vincula Peirce, Santaella e Almeida Júnior, demonstrando que ela ocorre na própria dinâmica triádica do signo e constitui fundamento epistêmico da semiose informacional.

O Quadro 1 foi revisado e ampliado, passando a relacionar, em colunas correspondentes, as dimensões fenomenológicas, as tricotomias peirceanas, as manifestações observadas na placa e os níveis de mediação informacional. Essa reformulação corrige imprecisões conceituais e garante coerência entre teoria e análise. A seção “Análise e resultados” foi reescrita de modo a seguir a progressão das três tricotomias, evidenciando a passagem da qualidade sensível à convenção

cultural e demonstrando o percurso da significação no contexto amazônico paraense. As conclusões foram atualizadas para refletir a integração entre semiose e mediação, destacando o papel da placa de açaí como signo informacional.

As modificações resultam em maior rigor teórico, clareza metodológica e articulação entre os níveis da análise. Todas as recomendações do parecerista B foram acatadas integralmente, com revisão conceitual, metodológica e estrutural do artigo. Em consonância com essa lógica, procedeu-se também à alteração do título do artigo, passando a adotar a forma Semiose informacional na Amazônia paraense: a placa do açaí como signo mediador da informação, que expressa de modo mais preciso e integral o escopo do estudo.